

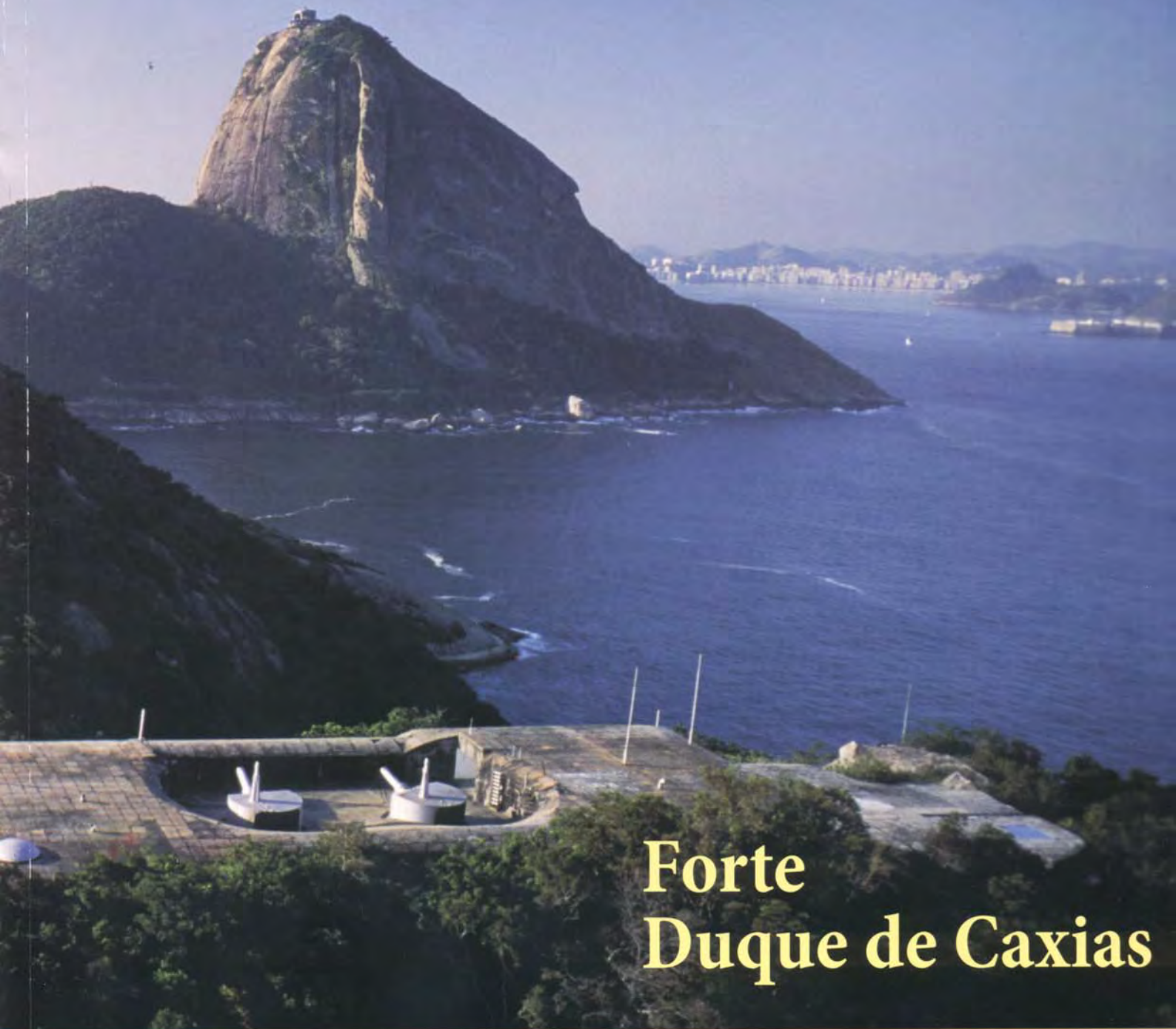
02933



Revista

Da Cultura

Ano XII – Nº 19 – Janeiro de 2012 – ISSN 1984-3690



Forte Duque de Caxias

Mensagem do Presidente da FUNCEB ■ Entrevista com o Chefe do EME
Marechal José Pessoa – o ideal alcançado
Valores observados no Exército Brasileiro ■ A fantasia e a realidade

REVISTA
DaCultura

Diretor

Synésio Scofano Fernandes

Editor

Fundação Cultural Exército Brasileiro

Redator-Chefe

Paulo Roberto Rodrigues Teixeira

Colaborador

Juarez Genial

Revisão

Alvaro Luis Sarkis da Silva
Ellis Pinheiro

Assistente de redação

Marcos Trajano de Souza

Editoração eletrônica

MURO Produções Gráficas
21 2275-6286
muro@email.com.br

Impressão

Pollyx Floss Comércio Indústria
Serviços Gráficos Editorial Ltda
21 3352-8315

Os conceitos emitidos nas matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a opinião da Revista e do Exército Brasileiro.

A Revista não se responsabiliza pelos dados cujas fontes estejam devidamente citadas.

Salvo expressa disposição em contrário, é permitida a reprodução total ou parcial das matérias publicadas, desde que mencionados o autor e a fonte.

Aceita-se intercâmbio com publicações nacionais ou estrangeiras.

Os originais deverão ser produzidos em formato A4 (210 x 297), com margens de 2,5cm (usar apenas um lado de cada folha, com letras de 12 pontos e entrelinhamento duplo), acompanhados de uma síntese do currículo e do endereço postal.

Os originais encaminhados à redação não serão devolvidos.

As referências bibliográficas devem ser feitas de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Por imposição de espaço, a redação, sem alterar o sentido e o conteúdo, pode fazer pequenas alterações no texto original.

Fundação Cultural Exército Brasileiro

Palácio Duque de Caxias

Praça Duque de Caxias

Nº 25 – Centro

Ala Marçílio Dias – 5º andar

Rio de Janeiro – RJ

CEP 20221-260

Tel: 21 2519-5352

Fax: 21 2519-5106

E-mail: funceb@funceb.org.br

www.funceb.org.br

PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

Distribuição gratuita

Tiragem: 10.000 exemplares

Sumário

REPORTAGEM

52 · Forte Duque de Caxias



ENTREVISTA

4 · Gen Ex Joaquim Silva e Luna

ARTIGOS

7 · Valores Observados
no Exército Brasileiro

Gen Ex Luiz Edmundo Montedônio Rêgo

14 · A Fantasia e a Realidade
Roberto Duailibi

16 · Rodrigo de Sousa Coutinho e a Consolidação
Institucional do Exército no Brasil Joanino
Arno Wehling e Maria José Wehling

26 · Arqueologia – Forte Orange e seu Cotidiano
Material
Marcos Albuquerque

38 · Marechal José Pessoa – O Ideal Alcançado
Cel Hiram de Freitas Câmara



Agradecimento

Ao Gen Bda Laerte, comandante da Aviação do Exército, e ao Cel Silva Junior, comandante do Batalhão de Aviação, pelo apoio que nos proporcionaram na cobertura fotográfica aérea do forte.

Ao Cel Francisco, comandante do Centro de Estudos de Pessoal (CEP), e ao Cel Joel, Chefe de Divisão do Forte Duque de Caxias, que nos supriram com informações históricas e atualizadas do forte, acompanhadas de imagens de excelente qualidade.

À POUPEX e ao Banco Itaú/Unibanco, cujo aporte financeiro permitiu a execução desta edição.

Aos articulistas, pela maneira brilhante como desenvolveram os temas abordados, que contribuíram para o enriquecimento do conteúdo da Revista nº 19.

"Eu sou pobre e necessitado, porém o Senhor cuida de mim."

Salmo 40:17.



Nossa capa

Forte Duque de Caxias, construído no período de 1776 a 1779, por ordem do Marquês do Lavradio.

FOTO DA CAPA: Ricardo Siqueira

Arqueologia

Forte Orange e seu cotidiano material

MARCOS ALBUQUERQUE



Nos dois últimos artigos publicados nesta conceituada revista, analisei o Forte Orange, situado na Ilha de Itamaracá, em Pernambuco, em suas duas versões: a portuguesa, com a denominação de Fortaleza de Santa Cruz, e a holandesa, com a denominação de Forte Orange.

De acordo com a nossa programação para esta fortificação, o artigo subsequente abordaria os elementos materiais encontrados nesta pesquisa arqueológica e que refletem o cotidiano destas duas ocupações, a holandesa e a portuguesa.

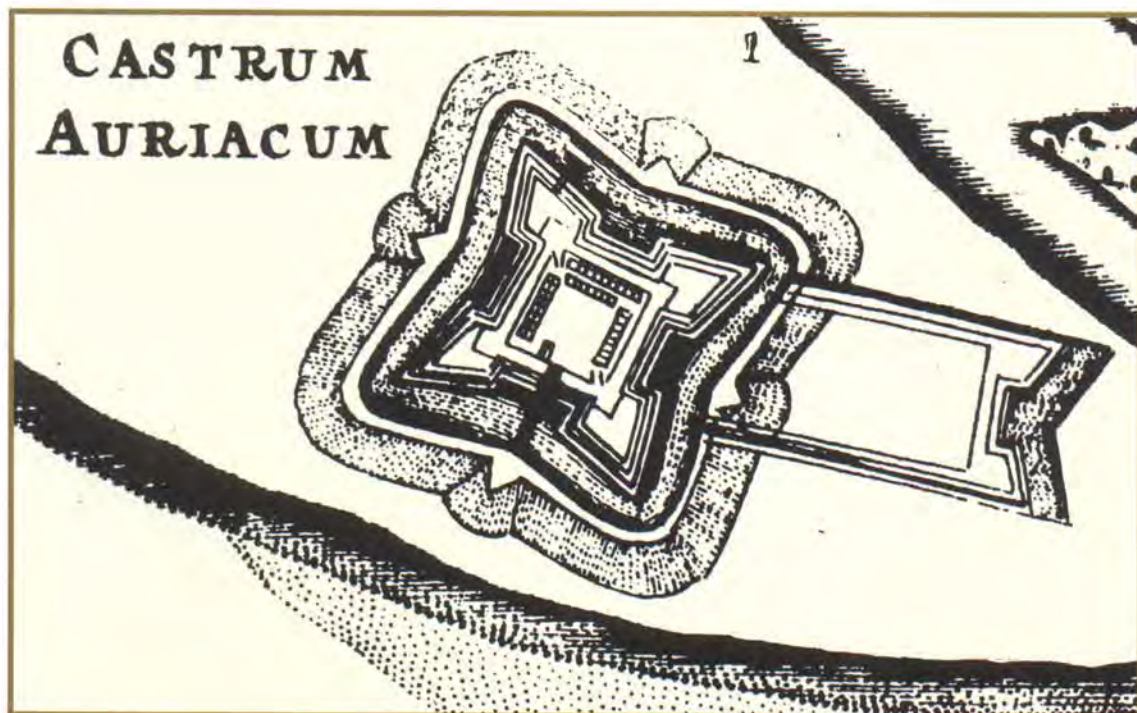
Nos dois artigos anteriores, foram avaliados

vários aspectos construtivos, como ainda algumas estruturas descobertas pela pesquisa arqueológica. Neste artigo abordaremos estas estruturas, apenas quando houver uma relação direta delas com o material arqueológico descrito.

Tentaremos esclarecer algumas questões teóricas para facilitar o entendimento dos leitores não afeitos à pesquisa arqueológica.

Focaremos em apenas três questões que julgamos fundamentais: a) o contexto sistêmico e o contexto arqueológico; b) a trajetória de vida de um artefato e; c) a origem do material

Dois tratores removeram a areia escavada no terrapleno. Enquanto esta operação tinha prosseguimento, todas as quotas eram controladas por uma estação total.



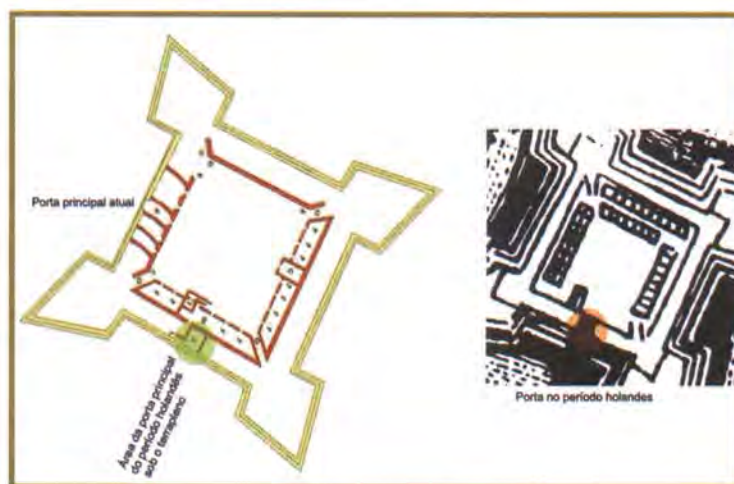
Planta holandesa do Forte Orange. Pode-se observar o desenho de um hornaveque, de duas rampas de acesso, além do traçado dos quartéis que se encontram separados da contramuralha.

Observe-se nas duas plantas, a holandesa e a portuguesa, o registro das entradas de acesso. Observe-se ainda a presença da Casa de Pólvora ao lado da entrada

arqueológico encontrado. Embora estas duas questões apliquem-se a todas as categorias de sítios arqueológicos, daremos ênfase, como exemplo, de sua aplicação em fortificações.

Entende-se por contexto sistêmico, de um forte, as interações existentes entre todos os subsistemas indispensáveis para o seu funcionamento. A escolha do local para a sua construção, a disponibilidade da matéria-prima a ser utilizada, o que deve defender, qual o inimigo que, em potencial, é esperado, qual o potencial ofensivo esperado deste inimigo, o abrigo da tropa, as fontes de alimentação, o armamento disponível, as condições de armazenamento do material bélico, enfim, o cotidiano dos ocupantes do forte.

A pesquisa arqueológica, mesmo considerando a tecnologia disponível, na atualidade, não pode acessar a totalidade do contexto sistêmico de um forte, embora busque se aproximar do mesmo em sua interpretação. Por outro lado, uma escavação arqueológica permite ao pesquisador acessar apenas o contexto arqueológico. Este contexto consiste no material encontrado, sua disposição espacial tridimensional, suas interações e demais elementos que permitam uma aproximação deste contexto com a realidade do forte em funcionamento.



Existem casos onde o contexto arqueológico se encontra disposto de forma a se aproximar do contexto sistêmico, ou seja, a distribuição do material arqueológico encontra-se em lugares de uso, mesmo que seja o de descarte intencional. Há outros casos, entretanto, em que o contexto arqueológico sofreu grandes interferências ao longo do tempo, o que foi o caso do Forte Orange. Salvo as estruturas encontradas, a sua estratigrafia foi intensamente perturbada. Seria ideal, do ponto científico, se os portugueses, quando ocuparam este forte após a saída dos holandeses, tivessem utilizado a construção holandesa, e nela a sua superfície de ocupação. Neste caso, teríamos, do ponto de vista estratigráfico, duas ocupações



Estrutura da Casa de Pólvora que se encontra soterrada. Esta estrutura prolonga-se para o interior da construção portuguesa

distintas, “lacradas” cronologicamente. Não foi isto que ocorreu. A construção atual não é mais a do Forte Orange holandês, e sim da Fortaleza de Santa Cruz, portuguesa. Nesta nova ocupação houve uma mudança do local dos alicerces, os quartéis portugueses foram justapostos à contramuralha, houve uma grande mobilização de areia para o preenchimento dos terraplenos e baluartes. Todas estas modificações ocorridas alteraram de forma significativa a estratigrafia do forte e, conseqüentemente, do contexto arqueológico. Alterações mais recentes, ocorridas tanto no século XIX como no XX, também contribuíram para uma alteração deste contexto. Desta forma o material arqueológico encontrado no Forte Orange não corresponde, especialmente, às posições originais, quando do abandono pelos portugueses e muito menos pelos holandeses. Este fato, embora limite certas conclusões, do ponto de vista científico, não impede o entendimento de muitos aspectos do quotidiano destas ocupações.

Caso este artigo fosse direcionado para

Porção da Casa de Pólvora exposta na Praça de Armas

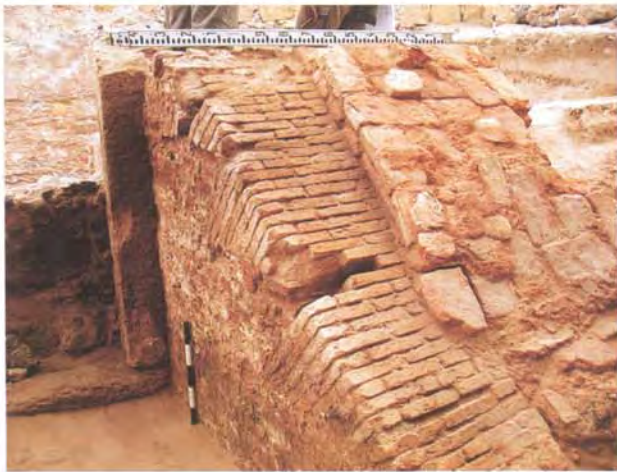


Detalhe da Casa de Pólvora, observa-se a utilização de tijolos de origem holandesa em sua construção

um público especializado em arqueologia, seria possível enumerar uma série de outras questões, do ponto de vista epistemológico. Entretanto, como o mesmo destina-se a leitores de vários outros saberes, abordaremos as questões acima enumeradas. A segunda questão diz respeito à trajetória de vida de um artefato. Embora pareça óbvio, sobretudo depois de exposto, normalmente não se pensa sobre o assunto no nosso próprio quotidiano. Todo artefato passa por uma sequência de etapas em sua “vida”, desde a



Todo o material retirado do terrapleno, várias toneladas de areia, é submetido a um processo de peneiramento mecânico com o objetivo de se resgatar qualquer informação, seja do forte português, nos níveis superiores, ou do forte holandês, na sua base



Detalhe do arrimo que balizava a entrada do forte holandês. Sua construção foi realizada com a utilização de tijolos de origem holandesa, argamassados com cal



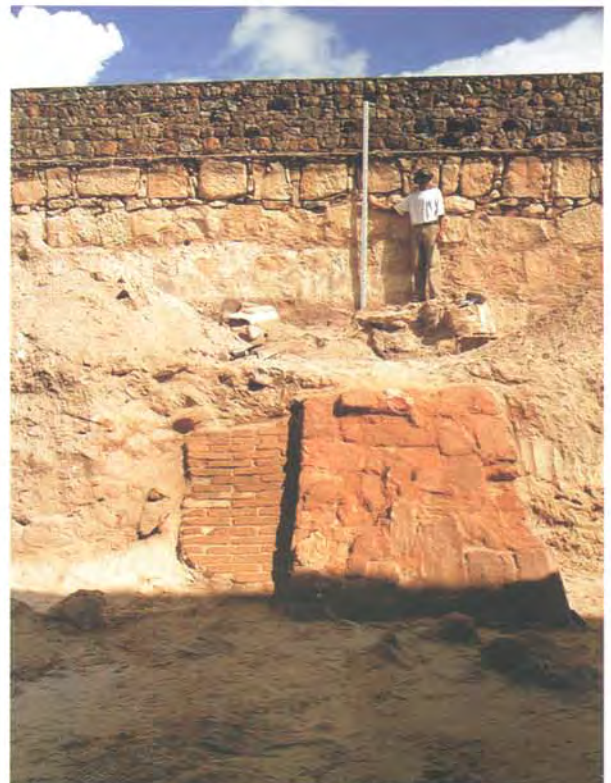
Junto ao arco em cantaria foram encontrados tijolos que provavelmente foram utilizados na elaboração da abóbada de entrada do trânsito do forte holandês. Observe-se que o rejunte encontrado nos tijolos, com maior espessura em uma das extremidades, permitiu a identificação da curvatura da abóbada e que corresponde à extensão da abertura entre os dois portais

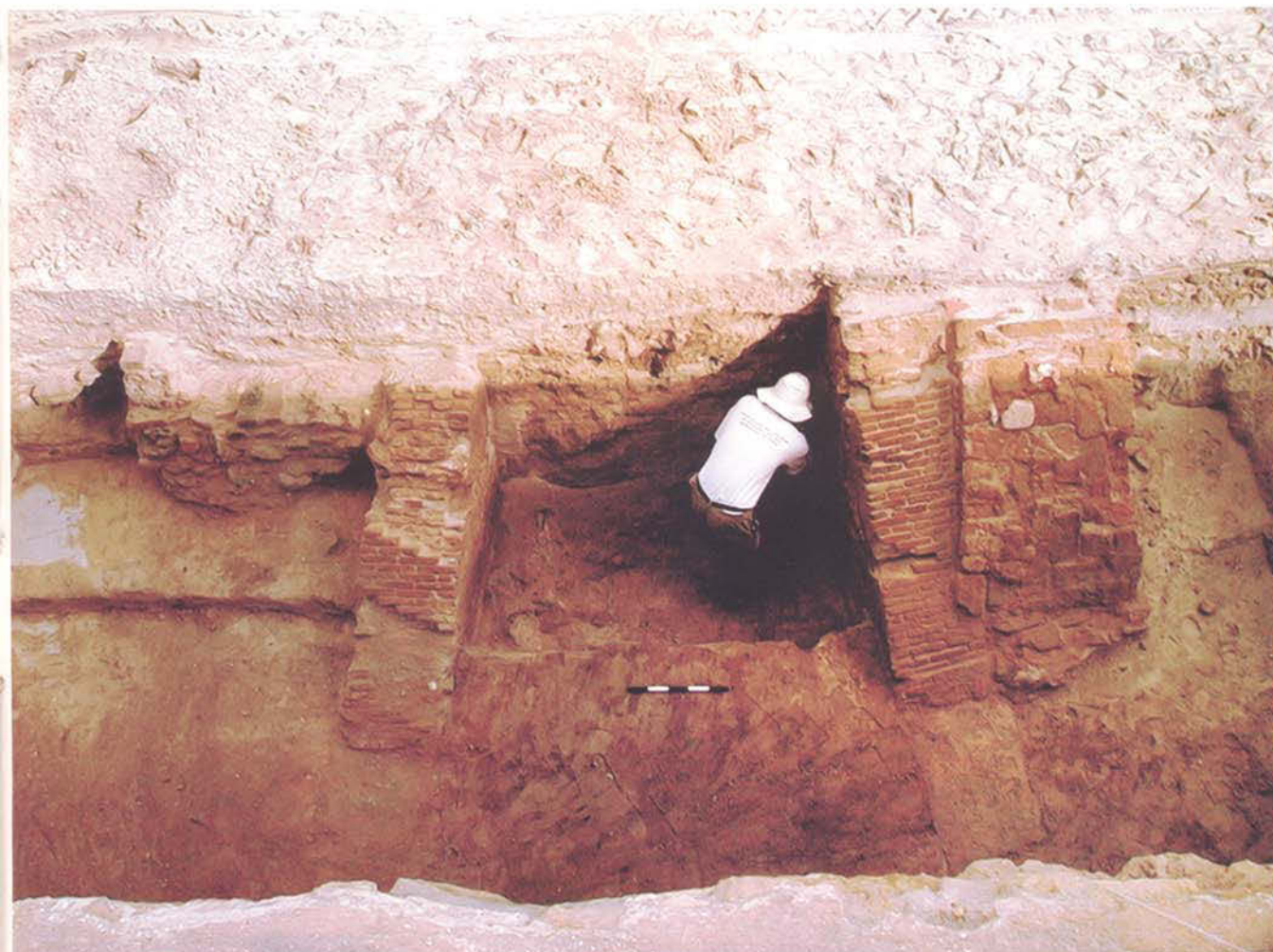


Nesta etapa da escavação, não tínhamos a menor dúvida que tínhamos encontrado a entrada do forte holandês. As paredes inclinadas eram dois arrimos que balizavam a entrada do forte



Nesta quota, começaram a aparecer vestígios de uma construção elaborada com tijolos de origem holandesa. Como é uma parede a 45°, poderia se tratar de uma estrutura tombada e, conseqüentemente, não seria possível, nesta etapa, se afirmar que se tratava da porta de entrada do forte holandês





Tem prosseguimento a escavação com o objetivo de se explorar todos os detalhes desta estrutura holandesa



Foram encontrados os dois portais da entrada do forte holandês, em cantaria, a soleira da porta e a parede construída pelos portugueses, quando da ocupação do forte holandês. Esta parede obliterava esta entrada, enquanto os portugueses optaram por transitar por outra entrada, esta voltada para a Ilha e não mais para o Canal de Santa Cruz

sua concepção até a sua perda ou descarte. Este fato não se comporta de forma diferente com o material arqueológico, desde os primórdios da humanidade.

O ciclo de vida de um artefato passa necessariamente por diferentes etapas: a necessidade, a concepção, a busca da matéria-prima, a elaboração, o uso, a possível reutilização, a possível perda, o abandono e/ou o descarte. Esta sequência de etapas da “vida” de um artefato poderá ser testada pelo leitor em qualquer objeto de seu uso pessoal, profissional, público ou privado.

Tratando-se este artigo do material arqueológico encontrado no Forte Orange, exemplificaremos esta questão com alguns objetos utilizados nesta unidade funcional.

A construção de uma fortificação, ou a produção de um projétil de mosquete, apenas será executada se houver uma necessidade imediata, latente ou potencial. Seja um forte ou um projétil, jamais se tornarão realidade se não forem concebidos. Claro que a concepção implica conhecimentos anteriores inerentes à bagagem cultural do grupo em questão. A concepção de um projétil implica na arma em que será utilizado, no propelente conhecido etc... A matéria-prima é de fundamental importância, pois sem a mesma

os passos anteriores, não se tornam realidade. No caso do Forte Orange, a matéria prima para a sua construção foi completamente adequada à região. A Ilha de Itamaracá encontra-se sobre um embasamento calcário, matéria-prima bastante utilizada na sua construção. O mesmo não se poderá dizer para o chumbo utilizado para a produção de projéteis de mosquete, pois o mesmo dependia do Velho Mundo. Sabe-se, entretanto, que na falta do mesmo, outras matérias-primas foram utilizadas como a limonita, pequenas pedras de óxido de ferro.



No local em que previa surgir o poço do forte holandês, começou a aparecer uma estrutura circular como um aro de barril, aliás, comum na maioria das fortificações. Porém, como se tratava do local compatível com o poço holandês, houve a expectativa de se tratar de algo que não fosse apenas um barril





Não restava mais dúvidas. Tinha sido encontrado o poço de abastecimento de água do forte holandês. Ainda restavam, conservadas pela água, as madeiras do barril.



Detalhe do piso de um dos quartéis holandeses, encontrado entre as valas dos alicerces. Provavelmente parte destes quartéis foram utilizados por ocasião da ocupação dos portugueses antes que estes construíssem a Fortaleza de Santa Cruz

A elaboração, seja a construção de um forte ou na fundição de projéteis, depende também de uma série de fatores, como a presença de artífices, fundidores e demais especialistas. Admitindo-se, portanto, que houve a materialização do bem, ou artefato, o mesmo deverá estar pronto para ser utilizado. Um forte deverá atender a sua função, seja de aquartelar tropa ou de defender uma posição. Um projétil deverá ser usado contra o inimigo. Isto significa o uso do artefato para a função a que se destina. Em alguns casos, entretanto, o artefato, de qualquer natureza pode ser reutilizado, pela mesma cultura, ou não.

Um projétil de mosquete disparado por uma arma de alma lisa, que não foi deformado pelo impacto, pode ser “devolvido” contra o inimigo que realizou o primeiro disparo. Um forte, se tomado, pode ser utilizado pelo conquistador, com a mesma função ou até com uma função diferente. Inúmeros exemplos poderiam ser citados de igrejas que foram tomadas por ocasião da invasão holandesa e utilizadas como quartéis para alojamento de suas tropas.

A perda de um artefato constitui-se em outro aspecto de suma importância para a pesquisa arqueológica. A sua contextualização



especial poderá indicar se ela se encontra em local de uso ou foi perdida. Um projétil de mosquete, um botão, uma fivela, uma moeda e similares podem ser perdidos durante o deslocamento da tropa, por exemplo. O mesmo não ocorre com o abandono ou descarte, pois este é intencional. Neste último caso, algumas peças são intencionalmente inutilizadas para evitar a sua reutilização pelo inimigo. Todos estes aspectos devem ser considerados em uma pesquisa arqueológica cientificamente conduzida.

A terceira questão teórica que deve ser levada em consideração refere-se à origem do material arqueológico encontrado neste forte. Não se



pode desprezar o fato de que uma ocupação militar, sobretudo naquela época, se assemelhe, por exemplo, à ocupação de um engenho ou a uma habitação urbana. Não seria sensato pensar que, por ocasião da ocupação holandesa em Pernambuco, sobretudo por ocasião da marcha para tomar a Vila da Conceição, hoje “Vila Velha”, fossem procuradas casas comerciais para adquirir louça, munição etc., a prática comum era inegavelmente a do saque. O reflexo arqueológico desta prática é a impossibilidade de se afirmar que a presença de uma faiança portuguesa, por exemplo, não tivesse sido utilizada pelos holandeses. Esta afirmação, entretanto, seria viável caso a estratigrafia não tivesse sido perturbada. Estaria clara a origem do material arqueológico associado a uma cronologia e consequentemente a uma das duas ocupações. De





modo análogo e simétrico, quando os portugueses assumiram o Forte Orange, reutilizaram algum material abandonado pelos holandeses, tanto nesta fortificação como em outras áreas ocupadas.

O material arqueológico encontrado nas escavações do Forte Orange, que ainda se encontra sob análises de laboratório, representa praticamente todos os subsistemas desta Unidade funcional. A sua apresentação parcial, neste artigo, reflete uma complexa ocupação de uma fortificação, que

apenas foi revelada pela pesquisa arqueológica.

Apresentamos, neste artigo, as fotos por categorias funcionais, tornando claro, pelo acima exposto, que em virtude da perturbação estratigráfica ocorrida nesta fortificação, não se pode afirmar, em muitos casos, quem de fato as utilizou ou as reutilizou.

As escavações arqueológicas realizadas no Forte Orange revelaram não apenas estruturas construtivas, como as descritas em artigos anteriores, como ainda um significativo acervo de peças relacionadas ao cotidiano das ocupações desta unidade defensiva.

Hoje, podemos afirmar que não apenas se dispõe da documentação textual deste forte, mas, sobretudo de informações referentes ao cotidiano de seus ocupantes. Imaginemos como seria diferente o entendimento História Militar brasileira se todos os fortes existentes no Brasil fossem sistematicamente escavados. Como já foi dito, a análise de todo este acervo ainda está sendo processada. Entretanto, parte

desta matéria pode ser visualizada de forma mais detalhada no home page www.brasilarqueologico.com.br. Espera-se que dentro em breve o Forte Orange seja restaurado mediante um projeto que se encontra na Superintendência do IPHAN/PE. Nesta oportunidade, o acervo encontrado nas escavações arqueológicas será exposto em suas dependências e conseqüentemente disponibilizado para o grande público.

MARCOS ALBUQUERQUE é natural de Recife – Pernambuco. Coordenador do Laboratório de Arqueologia da UFPE. Professor do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da UFPE. Pesquisador do CNPq. Doutor em Arqueologia Histórica e Membro da Academia de História Militar do Paraguai.

Toda a escavação foi exaustivamente documentada. Nesta foto a utilização de um elevador desenvolvido pelo Laboratório de Arqueologia que permite o documentário fotográfico tanto em distância maior como em planta, dado a sua versatilidade e mobilidade